

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR INTERINO — ARMANDO ROCHA CRUZ • Delegado em Lisboa: EMILIO VALONGO • Telef. 45457

SENSACIONAIS!
AS NOVAS SECÇÕES DE
ROTULAGEM
E CARTONAGEM
DA TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO VI — N.º 286 — Domingo, 30 de Novembro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CROMO DE COIMBRA

NOMES SIMBÓLICOS

COIMBRA é uma terra repleta de tradições, amores, milagres, santos, igrejas e estudantes. As tricanas deixaram os trajes primitivos e modernizaram-se.

Os poetas sumiram-se nas ca-

PAR
MARCOS ALGARVE

pas negras e nos calções das académicas.

No último Outubro voltei a Coimbra para abraçar um bisneto, chegado de África recentemente.

Uma viagem de dois dias, em grande velocidade, com o volante nas mãos de rapaz da família, alegre como antigo estudante das margens do Mondego e falador como algarvio naturalizado...

O seu nome simbólico, antes de se formar em Medicina, era de um simbolismo picante e expressivo.

No regresso, entre as Caldas da Rainha, Peniche e Montemor-o-Novo, deu-me para fazer um inventário dos académicos do Algarve que se formaram em Coimbra. Confesso que me podia ter para outra distração pior...

Começarei por um meu conterrâneo: o poeta João Lúcio, «A Girafa», cujo peçoço se parecia com o daquele animal pernaltas. Os nomes simbólicos tanto atingiam

o físico como o moral e o intelectual dos académicos. Mal a Academia conhecia o nome de guerra de qualquer estudante divulgava-o por toda a parte. A sua

(Conclui na 4.ª página)

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RECONHECIDA AGRADECE

Segundo comunicações oficiais é no próximo dia 1 de Dezembro que será entregue ao Ministério da Educação Nacional o edifício da nossa Escola Técnica.

Se o acto representa mais uma das multiplas acções decisivas da Organica e da compreensão nitida de um Governo que pouco a pouco mas com passo firme sabe o que quer e para onde vai para nós isso representa ainda uma das muitas aspirações que desde 1924 se arrastavam sem solução.

A Escola Técnica de Vila Real de Santo António além de ser a compensação nitida

(Conclui na 2.ª página)

EM FARO

REALIZARAM-SE COM RARO BRILHANTISMO AS FESTAS DE HOMENAGEM

AO REV. PADRE JOSÉ GOMES DA ENCARNAÇÃO

TIVERAM lugar nos dias 15 e 16 de Novembro corrente, as festas de homenagem ao Rev.º Padre José Gomes da Encarnação, pela passagem do 25.º Aniversário da sua «Missão Nova».

Pessoas de todas as categorias sociais, patentearam quer na missa rezada na Igreja de S. Pedro quer na sessão realizada no Ginásio do Liceu Nacional de Faro, o quanto é popular e o quanto amam e respeitam o Padre José Gomes da Encarnação, o Padre da freguesia querida de S. Pedro.

Falar de 25 anos de Sacerdócio, de uma vida inteira dedicada, intensamente vivida e dedicada, ao apostolado da caridade, não é possível sintetizar nestas breves linhas.

Conhecemos o Padre José Gomes da Encarnação e conhecemos a sua obra caritativa, e conhecemos a sua palavra fluente e agradável que a todos cativa.

Justa a homenagem que se lhe dedicou, em que se enalteceu não só a Obra, como o Homem.

A tarde, pelas 18 horas, teve lugar a sessão solene na vasta sala do Ginásio do Liceu Nacional, totalmente repleta, onde se destacaram os paroquianos da freguesia de S. Pedro, e inúmeras individualidades de todo o Algarve.

Na Mesa de Honra, a que presidia o sr. Bispo do Algarve, estavam presentes, além da mãe do homenageado, simpática e cativante velhinha, o sr. Governador Civil, os srs. drs. José Correia do Nascimento, presidente da

Junta de Província; José Ascenso, Reitor do Liceu, e Jaime Rua, presidente da J. D. da Acção Católica, Virgílio Ferreira Fagulha, Director Escolar e o «príncipe



Poeta Miguel Trigueiros



P.º José Gomes da Encarnação

dos poetas portugueses» Miguel Trigueiros.

Abriu a sessão o sr. dr. Moniz Nogueira, em nome dos paroquianos da freguesia de S. Pedro, tendo-se seguido, o Rev.º Padre Vitoriano Correia, Pároco em Portimão, seguindo-se o Rev.º Padre Carlos do Nascimento Patriótico, que fez, num brilhante improviso, a apresentação do poeta Miguel Trigueiros, que iria seguidamente disertar sob o tema: «Exaltação do Sacerdócio».

A fluente dicção de Miguel Trigueiros, a sua palavra brilhante, que nos eternecia, que nos embala nas vagas ora meigas, ora cortantes, altaneiras, da sua palavra deixou-nos no final da sua «Exaltação» num estado de espírito, soberbo, para muito além deste Mundo, onde os nossos pés,

(Conclui na 2.ª página)

REALIZOU-SE EM LAGOS O II CORTEJO DE OFERENDAS

Rendeu mais de 200 mil escudos, o II Cortejo de Oferendas realizado em Lagos, no passado dia 16 do corrente.

Incorporaram-se no referido Cortejo, pessoas de todas as categorias sociais e numerosas representações das freguesias rurais.

No final do Cortejo, o sr. dr. Guerreiro Tello, grande benfeitor desta simpática vila, e provedor da Misericórdia há 22 anos, proferiu um eloquente discurso de agradecimento.

PROF. V. JANKELEVITCH NA ALIANÇA FRANCESA EM FARO

Ao iniciar as suas actividades na presente época, a Aliança Francesa em Faro, abriu com chave de ouro o seu ciclo de conferências, apresentando ao público culto algarvio, no passado dia 25 o grande sábio e musicólogo francês Vladimir Jankelevitch, que proferiu uma conferência subordinada ao título «Philosophie et Musique».

Monsieur Vladimir já proferiu em 1946, no Teatro Lethes, nesta mesma cidade, um notável trabalho com o título de «Fauné et le Mystère du Charme».

MELHORAMENTOS NO CONCELHO DE CASTRO MARIM

Encontra-se em reparação, o caminho que liga a E. N. 122, no sítio do Vale das Gatas, à Foz de Odeleite. Este melhoramento há muitos anos pretendido não só pela população como pela Câmara Municipal, só agora encontrou a sua efectivação, mercê do esforço desenvolvido pelo Presidente da Câmara, sr. Cap. Lino Palma Antunes, que tem procurado desenvolver o poderio económico da região.

EXPORTAÇÃO DE CORTIÇAS

No decurso do passado mês de Setembro, a exportação de cortiças portuguesas, de várias qualidades, totalizou 14.673 toneladas, no valor de 122.548.000\$00.

INTERESSES DO CONCELHO DE ALCOUTIM

MARTINLONGO a mais progressiva aldeia do concelho de Alcoutim e sem graves danos à verdade uma das mais progressivas do Algarve. Tem um comércio importante uma agricultura bem desenvolvida e até a indústria não fica esquecida com moagem, ferraria e o aria.

O assunto que hoje vamos focar afigura-se-nos dos de maior importância para o concelho e especialmente, para Martinlongo. E' o do médico que é preciso que adquira permanência e estabilidade.

(Conclui na 4.ª página)

OS PROBLEMAS DA DIGNIFICAÇÃO ACTUAL DE SAGRES E DO SEU FUTURO TURISTICO FORAM FOCADOS NUMA BRILHANTE SESSÃO HENRIQUINA NA «CASA DO ALGARVE»

RESULTOU brilhantíssima a sessão solene evocativa do 498.º aniversário da morte do Infante D. Henrique, em Sagres, realizada em 20 do corrente, pela Casa do Algarve, em Lisboa, com a colaboração da delegação da província para as comemorações henriquinas.

Presidiu o ilustre historiador Costa Brochado, em representação do presidente das Comissões Nacional e Executiva das ditas comemorações, senhor professor doutor Caetano da Mata, tendo ocupado os restantes lugares da mesa os srs. dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província do Algarve e da de-

legação algarvia para as comemorações; general Leonel Vieira, antigo Governador Militar de Lisboa e representante de Lagos; Coronel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve, e Major Mateus Moreno; dr. José de Sousa Carrusca e H. Neves Franco, representantes, respectivamente, da direcção, do conselho superior Regional e

da comissão de turismo e propaganda da Casa do Algarve.

Aberta a sessão, o sr. Major Mateus Moreno, em breves palavras enalteceu as actividades já desenvolvidas pela Comissão Executiva das Comemorações, focou algumas sugestões por si apresentadas para a dignificação de Sagres e fez a apresentação dos oradores da noite, srs. dr. Garcia Domingues, presidente da comissão cultural da colectividade; dr. Alberto Iria, antigo presidente da mesma comissão e director do Arquivo Histórico Ultramarino, e António Rosado, filho de Sagres, segundo secretário da direcção da Casa do Algarve e autor da

(Conclui na 2.ª página)

TOPONIMIA DAS RUAS

A local que publicámos no nosso último número, na 1.ª página, levou vários leitores a dirigirem-se-nos, quer verbalmente, quer por telefone, aplaudindo a oportuna publicação da referida local.

Foi opinião unânime dos nossos leitores, de que os nomes do sr. prof. Oliveira Salazar e do Ministro Duarte Pacheco, há muito deviam de figurar, com os seus brilhantes nomes nas esquinas das nossas ruas, no entanto foram de opinião, igualmente unânime, de que se olhe primeiro aos antigos nomes que encimavam as esquinas, antes de os fazer desaparecer.

Pinheiro Chagas, foi um escritor, um historiador, um político, sempre à altura dos cargos que desempenhou, pelo que toda a Nação sempre lhe tem tributado justa homenagem, pois rara é a vila ou cidade, que não ostenta com orgulho, o seu nome numa das artérias.

Mudem-se alguns nomes, sim, mas mudem-se com cuidado!

Á CERCA DUM FOLHETO DO SR. ANTERO NOBRE

A QUESTÃO ANTIGA DA «CASA DO ALGARVE»

FEZ muito bem o sr. Antero Nobre de dar ao prelo a sua palestra de 8 de Março de 1957, porque assim produziu um mimoso folheto de 11 páginas, ainda que com o delambido título de «A fundação e a reorganização

PELO
Edg. J. SILVA CARVALHO

da Casa do Algarve em Lisboa. Fez muito bem. Assim lembrei uma famigerada questão de que já estava esquecido. Repito: Fez muito bem. Palavras levam ao vento...

Há obras de muitas páginas que, no âmbito em que se enquadram, não merecem dez linhas de crítica, e pequenos opusculos que, bem expremidos, dão matéria avonada para um romance. E' o caso de agora.

Nesta meia dúzia de páginas, editadas pelo sr. Antero Nobre, não há cinco réis de doutrina, nem estudo, nem ideal, nem trans-

1 PARA trás do ano de 1706, não se depara o termo «crise», que se encontra no primeiro tomo da Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes, o termo e mavioso prosador do século XVII.

Generalizado, o vocábulo tomou a significação de momento ou con-

FOR
JOSÉ ESTEVAM

jectura grave, afflictiva e perigosa ou a carência de qualquer coisa, de modo que as crises são constantes neste vetusto Globo, baldo de juízo por procuração da loucura colectiva.

Uma das crises denomina-se de habitações.

Quem jamais pisasse o chão lavado de ignorâncias de alguma academia pode, no entanto, contestar, refutar e contradizer a falta de moradias.

Nunca houve tanta agência de

venda de prédios urbanos em Lisboa e até pelos botequins e pelos passadiços do Rossio pululam os recoveiros de cortiços, o que prova que há casas a mais, pelo menos de 100 a milhares de contos, preço aliás mui acessível a quem os possua.

2 Passando-se a outras somenos crises, também se escondem nos refolhos da ilusão a da dramaturgia, arte que, dando em droga, resultou seus amadores ficarem de noite em casa no concheço da família.

Ora, para que houvesse crise teatral seria mister demonstrar que não existem peças nem comediantes.

Portanto, o que faz moribundo o teatro e a filarmónica é o cinema de gorra com o jogo do esférico, esperando-se da televisão o golpe de misericórdia.

(Conclui na 4.ª página)

«DIA DO SELO»

Comemora-se amanhã, conforme tínhamos noticiado, nesta vila, o «Dia do Selo», com uma Exposição de «Sobres do 1.º Dia», no Studio Fotográfico do Bazar das Novidades na Rua Dr. Miguel Bombarda.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, deslocou-se a Lisboa, a fim de tratar de assuntos de alto interesse para o nosso concelho, o sr. Mattias Barroso Gomes Sanchez, dig.º Presidente da Câmara Municipal desta vila.

Esteve durante alguns dias nesta vila, em gozo de férias, a sr.ª D. Maria José Socorro Tenório, filha do nosso estimado assinante sr. Manuel Peres Tenório.

Esteve em Lisboa, durante alguns dias, o nosso prezado assinante sr. Romualdo Pescada.

ESCOLA TÉCNICA

(Conclusão da 1.ª página)

do nosso valor económico, da nossa produção comercial e do valor dos seus filhos ele representa para nós a certeza de que os seus problemas estão a ser considerados por quem de direito.

Neste dia de Festa que será o 1.º de Dezembro ele representará de certo para os nossos sucessores um dia que marcará a possibilidade da nossa muito valia e do muito que há-de ser ainda o valor dos seus trabalhadores.

A Ex.ª Câmara Municipal que soube tão bem interpretar com sacrifício a necessidade absoluta — e ainda que com sacrifício de outras obras em curso — o que para a nossa terra poderia representar essa grande actividade indispensável ao nosso meio de trabalho, prestamos as nossas homenagens.

Para S. Ex.ª o Sr. Ministro da Educação Nacional que com clarividência juntou o seu nome a obra de tão valia, o nosso profundo e grande agradecimento pedindo licença a S. Ex.ª para testemunhar-mos o nosso grande reconhecimento que afinal é de todos os nossos conterrâneos.

Guardámo-nos precisamente para o fim o nosso preito de admiração de veneração e de um muito obrigado sincero e simples não só àquele que com tanto sacrifício tem elevado bem alto o nome de Portugal como ainda àquele que pela sua obra, pelo seu carinho, pelo seu sempre exaustivo trabalho é o primeiro dos obreiros de Portugal — SALAZAR.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

ANTÓNIO VENTURA

A fim de evitar tribunal queira telefonar para José António — n.º 56406 — LISBOA — Assunto Lambretta.

PIPAS

Vendem-se cerca de 20 pipas de carvalho e castanho, de 400 a 600 litros.

Dirigir a Diamantino M. Baltazar

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

APISÉRUM APISÉRUM APISÉRUM

Na debilidade No esgotamento físico Na velhice prematura

A vida moderna e acidentada, exige do homem na labuta do dia a dia, um maior esforço físico e mental.

APISÉRUM

de Belvefer

poteroso revitalizante, está ao seu alcance para lhe proporcionar uma recuperação de forças que lhe permitirá uma continuidade de trabalho sem desfalecimentos.

Super alimento natural à base de Geleia Real de abelhas, de fácil assimilação, além de revigorar o organismo, tem a virtude de produzir uma sensação de bem estar e consequente alegria de viver.

VENDE-SE NAS FARMÁCIAS

Pedidos de literatura aos:

Representantes para Portugal Continental, Insular e Ultramarino

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª

Rua D. Estefânia, 167-A — 167-C — LISBOA

OS PROBLEMAS DA DIGNIFICAÇÃO ACTUAL DE SAGRES

(Conclusão da 1.ª página)

explêndida colecção de fotografias de Sagres e Cabo de S. Vicente que decoravam o salão.

Dada seguidamente a palavra ao primeiro orador, o distinto escritor e jornalista sr. Dr. Garcia Domingues, este historiou, com larga e segura documentação, a evolução de toda a zona do Sacrum Promontorium dos antigos, durante o período árabe.

O sr. dr. Alberto Iria, desenvolvendo depois o oportuníssimo tema que lhe foi confiado — «Sagres na época dos Descobrimentos e sua dignificação actual» — começou por afirmar:

«Sagres e o Infante são, como já disse algures, dois nomes que, no século XV, ficaram indissolúvelmente ligados a uma das fases mais decisivas da história nacional e da própria humanidade».

Depois de dizer que foi em 26 de Julho de 1416 que D. Henrique viu pela primeira vez Sagres, quando seguia na armada que levou D. João I e os portugueses à conquista de Ceuta, assinala a presença do Navegador no Algarve desde os fins de Abril a fins de Agosto ou princípios de Setembro de 1458, época em que teria visitado Sagres, no Cabo de Transalmenar, do qual Afonso V lhe fez doação, em 27 de Outubro de 1442, para ali fundar a sua Vila do Infante, e ainda outras povoações cercadas, cuja região erma povoou.

E sempre interessadamente escutado, o orador acrescenta:

«Com esse fim consegue D.

Henrique também em 1445, privilegiou para 20 homens que vivessem continuamente no lugar da Balea, actual Baleeira, os quais constituiriam importante núcleo de pescadores do alto mar, entregues às pescas longínquas para além do Bojador e mares de Cabo Branco». Refere-se seguidamente ao encontro do jovem venesiano Cadamosto com o Infante D. Henrique com o seu secretário Antão Gonçalves e com o cônsul de Veneza em Portugal, Patrício de Conti, na casa de campo do Navegador, na Granja de N.ª Sr.ª de Guadalupe, em 1454, de que resulta a renovação do descobrimento da Guiné, com a partida da caravela de Cadamosto e do Patrão de Lagoa, Vicente Dias, «a única que, de certeza, se sabe ter zarpado da angra de Sagres, como muitas outras não registadas pela História». Depois alude às duas únicas cartas, que encontrou, datadas pelo Infante da sua vila de Sagres, a primeira de 16 de Dezembro de 1457 e a segunda de 6 de Agosto 1459, as quais vêm provar que Sagres e Vila do Infante, contrariamente ao que até agora se pensava, são uma única vila, destruindo assim a tese absurda, confusa e expetiosa dos que acreditavam na existência de duas vilas fundadas, simultaneamente, por D. Henrique — a que localizava a Vila do Infante no Cabo de S. Vicente, e ainda a que supunha tal vila localizada em Alvor.

Revela depois alguns factos novos, relativamente à actividade desenvolvida em Sagres pelo Infante, desde a fundação da vila até ao falecimento do seu insigne fundador, ocorrido numa quinta-feira, dia 15 de Novembro de 1460, cujo quinto centenário o Governo da Nação comemorará precisamente numa quinta-feira, dia 15 de Novembro de 1960, e ocupando-se seguidamente da dignificação actual de Sagres, acentua:

«Sagres, esse famoso Cabo do Mundo, como lapidariamente lhe chamou o Infante D. Henrique, deixou assim de ser apenas, para todo o mundo civilizado, e para os portugueses em especial, um mero símbolo. Sagres transformou-se, ainda deste modo, numa realidade histórica com notável projecção ultramarina.

E a concluir:

«Sagres, não o esqueçamos nunca, será sempre o Altar da Pátria Portuguesa que se prolongou e dilatou, solidariamente unida, por igual vínculo de sangue e de sacrifícios sem conta, por essas sete partidas do Mundo... E será essa a melhor lição de Sagres, em 1960, para a transmitirmos aos vindouros».

«Os centenários — já o disse lapidariamente um algarvio muito esquecido, do século XIX — Reis Dâmaso — são a afirmação eloquente das nacionalidades que se recordam do seu passado e têm fé no futuro; a afirmação de que vivem e de que se não podem afastar da corrente civilizadora». «Pois bem, que seja também assim o V Centenário da morte do Infante D. Henrique, em Sagres».

O último orador, sr. António Rosado, fez seguidamente uma emotiva descrição das belezas características de Sagres, cujo interesse turístico exaltou, apontando, com verdadeiro conhecimento da actualidade do problema e com o melhor sentido das conveniências da respectiva solução, as principais iniciativas a encarar para a dignificação de Sagres como futura estância de turismo internacional.

A sessão foi gravada pelos serviços de som e de rádio de televisão da Emissora Nacional.

Ao encerrá-la, o ilustre presidente da mesa, sr. Costa Brochado, felicitou a Delegação do Algarve para as comemorações Henriquinas e a Direcção da Casa do Algarve, pelo brilho que a mesma revestiu, considerando-a «o primeiro acto, e bem feliz, das solenidades festivas das comemorações henriquinas do Algarve».

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —



PROVINCIA

TAVIRA

Rio Séqua

Por motivo de limpeza das margens do Rio Séqua — o rio que atravessa a cidade — a Hidráulica do Guadiana, a pedido da Câmara Municipal de Tavira e com o fim de atenuar um pouco a crise de trabalho, mandou arrancar a lama na parte açoreada do mesmo rio. Registamos e oxalá o Rio Séqua se mostre nas noites de Verão, limpinho e sem os cheiros insuportáveis que nos brinda naquela altura.

Chegou o Inverno?

Na passada terça-feira tivemos

Produção de óleo de peixe EM ANGOLA

A produção angolana de óleo de peixe atingiu 11.200 toneladas em 1957, contra apenas 5.200 toneladas em 1956, consoante informa a publicação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos «Foreign Crops and Markets», de 5 de Maio deste ano.

As exportações de óleo de peixe efetuadas por Angola em 1957, atingiram 15.400 toneladas, contra 5.700 toneladas em 1956. A Alemanha Ocidental foi o principal comprador.

Calcula-se que a exportação no ano corrente será de cerca de 15.200 toneladas.

ACÇÕES

De A Electro Fabril
Compra pequenos lotes;
Manuel dos Santos
Apartado, 13 — FARO

NO LAZARETO

Vende-se prédio com frente para a Avenida e terrenos anexos, próprios para arraial de traineira.

Informa: Joaquim Branquinho
nesta vila

BICICLETAS MOTORIZADAS

Chegou a nova «ANKER» com 3 velocidades, com quadro especial

Preço Esc. - 7.250\$00

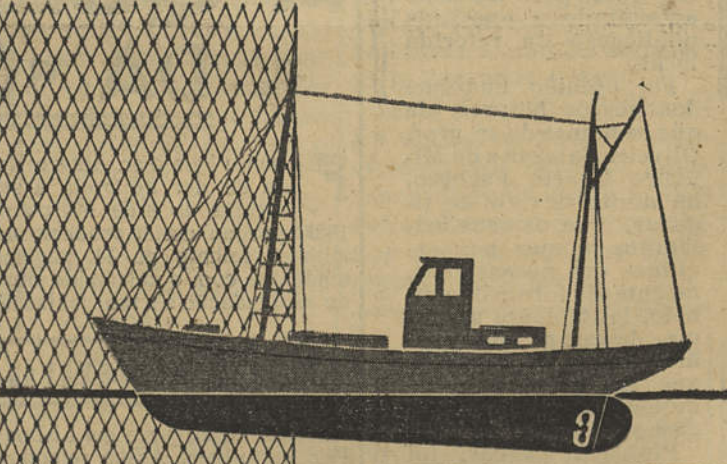
Vendas com facilidades de pagamento

Agente em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul
Avenida da República, 65 — Telefone, 65



motores marítimos diesel



MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

OM 636 84 H.P. — 3.000 R.P.M.
202 B 85 H.P. — 1.200 R.P.M.
203 B 90 H.P. — 1.200 R.P.M.
204 B 120 H.P. — 1.200 R.P.M.
MB 646 225 H.P. — 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTE C. SANTOS L.O.A.
LISBOA — COIMBRA — PORTO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA de Vila Real de Santo António De 22 a 28 de Novembro

TRAINEIRAS

Nídia	4 938\$00
Conceitanita	4 525\$00
Tozé	4 310\$00
Flor do Norte	3 809\$00
Flor do Sul	3 295\$00
Noroeste	1 804\$00
Oeste	1 080\$00
Alvarito	967\$00
Luis Fernando	645\$00
Salvadora	276\$00
Novo S. José	268\$00
Estrela do Sul	57\$00
Total	25.974\$00

CERCO

Amazona	6.375\$00
---------	-----------

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Novembro.

Entradas:

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.
HOOGVLIET, Holandês, de 499 ton., de Génova, vazio.
SEAMEW, Inglês, de 1.219 ton., de Cadiz, com carga em trânsito.
AGNETE TORM, Dinamarquês, de 2.358 ton., de Alicante, com carga em trânsito.
MARIA CRISTINA, de 549 ton., e ZE' MANEL, de 926 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios.

Saídas:

ZE' MANEL MARIA CRISTINA e MIRA TERRA, todos com minério para Lisboa.
HOOGVLIET, com alfarroba, para Avonmouth.
TERCEIRENSE, com sal e figos, para os Açores.
SEAMEW, com alfarroba, para Liverpool.
AGNETE TORM, com figos e conservas, para New York, Filadélfia e Baltimore.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 29 de Novembro a 5 de Dezembro Farmácia CARMO, Rua S. João do Brito — Telefone 31.

FESTAS DE HOMENAGEM

ao P.º José G. da Encarnação

(Conclusão da 1.ª página)

mau grado nosso se ficavam ainda.

Quiseramos ter a sua palavra, por palavra amiga que a toda a hora escutássemos, tão embevecidos, como naquela tarde inesquecível a que nos foi dado assistir.

Se grandes e valerosos foram os brindes que recebeu o sr. Padre José Gomes da Encarnação, da boca das mais ilustres individualidades que se lhe dirigiram, estamos certos que o que calou mais fundo no seu coração, foi o do Poeta Miguel Trigueiros, brinde digno de reis, digno de alguém que completava 25 anos dedicados ao bem, 25 anos dedicados à vida sacerdotal no seu mais amplo e vasto domínio.

A sessão foi encerrada pelo sr. Bispo do Algarve, que dissertou sobre a missão do sacerdote.

No «Hotel Aliança», pelas 21,30 horas, teve lugar conforme estava anunciado o jantar de homenagem ao sr. Padre José Gomes da Encarnação.

Temos assistido a muitos repastos de homenagem, mas nenhum excedeu tanto as nossas expectativas como o jantar servido no «Hotel Aliança».

Muito antes do jantar, já todas as inscrições se encontram preenchidas, tendo grande número de pessoas, desistido de assistir ao repasto por falta de lugares.

A vasta sala do Hotel, era insuficiente para conter todos os admiradores do Homem e da sua Obra.

No final do jantar, que decorreu animadíssimo, usou da palavra o sr. Governador Civil, que enalteceu as qualidades do homenageado, tendo-o no final abraçado, não só em seu próprio nome, mas em nome de toda a Província. Seguiram-se os srs. Rev. Padres Frei Diogo Crespo, Manuel Vitorino Correia, Manuel Bárbara e Sebastião Costa, e o sr. Francisco Pacheco, Dr. António Henrique Balté e Alberto Marques da Silva, tendo estes dois últimos senhores, dedicado ao homenageado duas composições poéticas; sr. Manuel de Sousa Costa, vice-presidente da Câmara Municipal de Monchique, sr.ª D. Maria Celeste Parissi Vaz de Sousa, o sr. Dr. Mário Lyster Franco, Director do nosso prezado colega «Correio do Sul», o Poeta Miguel Trigueiros e por último o homenageado que agradeceu comovidamente.

«A questão antiga da Casa do Algarve»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seca e breve. Não irei mexer na história da Casa do Algarve porque já está feita, e porque é possível que a venha a publicar em folheto, sem pedir anúncios a ninguém. Esta facécia de misturar 4 páginas de publicidade com 11 páginas de arrazoado defeito pela crítica, só podia lembrar ao sr. Antero Nobre, mordido do diabólico desejo de reabilitar-se aos olhos dos seus confrades.

Vejam, entretanto, no que deu esse desejo. Para isso resumamos o folhetosinho, começando pela página 5, visto que a 1 e 2 são brancas:

Página 3 — O autor, à falta de melhores argumentos (ele não voa muito alto) fala-nos nas suas primeiras letras, para concluir do elogio a João de Deus e da razão porque este foi escolhido patrono da Casa do Algarve pelo «punhado de bons algarvios que há 27 anos fundou esta Casa».

Nota 1 — A citação entre comas constitui o primeiro quinqueto atirado contra aqueles que pretendem que a Casa do Algarve foi fundada em 1946. Segundo o sr. Nobre ela já tinha 27 anos em 1958!

Página 4 — O autor classifica de «espírito brilhantíssimo» a neta de João de Deus (que estava presente na palestra), acrescentando não ignorar «a formosíssima obra de educadora que já hoje nobilita o vosso nome». Linhas adiante inicia o elogio do sr. major Mateus Moreno (que também estava presente); elogio que em toda a sua languidez, esticado e resticado, passa para a outra página!!

Página 5 — Continuação do elogio supra, através de 16 linhas bem nutridas de lugares comuns, onde vem de novo à baila (não sabemos bem porquê) a neta de João de Deus, agora sob a forma de «espírito formosíssimo (lá atrás era a obra formosa) da illustre herdeira do nome e do talento» (não tanto pela poesia, nem pelo belo, porque o sr. Nobre não se aventura muito longe da porta) «pelo lindo sonho de que nasceu esta Casa». E mais adiante, com rompantes de historiador, o sr. Nobre decreta: «Esta nossa Casa nasceu, em 1930, dum lindo sonho de poeta». Com estes argumentos e outros de igual quilate, o sr. Nobre confessa o desígnio de render homenagens aos que mais fizeram pela Casa do Algarve. Por isso envolve de ditirambos: 1.º João de Deus e sua neta (que valha a verdade nada fizeram pela nossa pobre Casa); 2.º o sr. major Mateus Moreno (apenas pelo «esforço sonhador» — diz Nobre); 3.º o sr. Dr. Sousa Carrusca (que parece também estava presente) por ter redigido os estatutos e... por ter procuração passada no outro mundo pelo coronel Correia dos Santos. Tudo isto é proclamado pelo autor do folheto em nome dos que «sabem ser justos e sobretudo sabem ser agradecidos àqueles que lutaram para erguer e prestigiar esta instituição».

Nota 2 — O sr. Nobre parece alçar-se a campeão dos justos! Eu pertencio aos injustos e... não me importo nada com isso. Apenas me faz impressão desconhecê-lo o modo como João de Deus desceu a este vale de lágrimas para olhar pela nossa Casa. Seria obra de espiritismo? A propósito da 5.ª página aproveito dizer ao sr. Nobre que, na 8.ª linha, a frase «as primeiras não podem deixar de ser para si» demonstra um fatal desconhecimento da gramática!

Tome cuidado sr. Nobre! Olhe que os espíritos podem muito, mas... o diabo tece-as.

Página 6 — O autor «sem possibilidade de contestação séria» (por isso eu levo o caso a rir) afirma-se mais e mais às suas evoluções de voo rasteiro (ele não sobe muito alto) para concluir catedraticamente que o conceito e prestígio da nossa Casa, é fruto da 1.ª fase dela — «fase brilhante cujo clarão ainda hoje a ilumina (a Casa) e à luz da qual se processam muitos dos seus triunfos actuais». Depois de silenciar sobre a enumeração dos triunfos processados do modo que indica (a enumeração é que seria interessante), o sr. Nobre numa curva mais apertada deu com uma asa em terra, e prejudicou totalmente a linda figura que vinha fazendo. Foi o caso de ele, três linhas abaixo, ter escrito que... o período brilhante foi curto! E' claro que o sr. Nobre ainda tentou equilibrar-se, mas nesse esforço, deu um trambolhão memorável. Ora reparem no que ele escreveu: «pelo infelizmente a decadência. E a nossa Casa de queda em queda, chegou em 1941 à inactividade».

Nota 3 — E' genial esta lógica: Por um lado o clarão ainda ilumina os sucessos da actual Casa; por outro lado esse clarão foi muito breve e... não chegou a ralumiar a antiga Casa que, às

escuras, veio «de queda em queda» a apagar-se totalmente!! O sr. Nobre ou brinca connosco ou pensa que está a escrever para pretos.

Página 7 — O autor, ainda catedraticamente, afirma que o algarvio é um indivíduo que breve se cansa das suas iniciativas. Dito isto cita como exemplo o estoiro da 1.ª Casa do Algarve e fica-se muito contente com a sua descoberta.

Nota 4 — O arrazoado não tem a mais pequena lógica, porque se a 1.ª Casa rebentou, a 2.ª ainda está de pé. E' pois caso para perguntar ao nosso amigo: — Pela sua teoria, quando é que a 2.ª Casa rebentou? Quando é que os algarvios se cansam dela?

Página 8 — O autor volta a referir-se à Casa do clarão, à primeira Casa, afirmando que ela fechou as portas «depois de alguns anos de vida sem glória» (pelos vistos o clarão não era glorioso!). E acrescenta: «O seu espírito porém não morreu porque o sonho que o fizera nascer manteve-se bem vivo ao coração de alguns — bem poucos! — algarvios». Sendo caso para dizer — nunca tão poucos fizeram tanto por tantos — escangalha a ideia linhas adiante afirmando que os reorganizadores (segundo nós os fundadores da 2.ª Casa) fizeram «afinal o mais importante e o mais difícil».

Nota 5 — Este último arrazoado quer significar que, no fim de contas, o espírito (que era de poucos!) não valia nada. Em resumo: Se a vida não tinha glória, e se o espírito era um sonho que não aproveitou nada aos reorganizadores, como quer o sr. Nobre que eu o tome a sério? Mais ainda: «Se nunca serão de mais os elogios que nesta Casa se tenham aos reorganizadores» (segundo nós fundadores) porque diabo é que o sr. Nobre chega quase ao fim do seu trabalho sem ter falado deles, apesar da sua prodigalidade em tecer elogios?

Página 9 — Até que enfim! Já não era sem tempo! Na antepenúltima página do folhetosinho surge o nome de Joaquim Nunes! Mas surge despido de ditirambos. Surge apenas como «nosso prezado consócio» e como «um dos principais (na verdade ele é o principal) iniciadores desse movimento restaurador». E pronto! Nunes não aparece mais! As exteriorizações do nosso jornalista regional só encontram lugar à volta de bachareis e de outras coisas quejandas. Ele não guarda tinte com o Nunes e vai guardá-la toda para o sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida por ser (palavras dele) «pessoa a tantos títulos illustre» e... «presidente incansável, prestigioso e talentoso da Comissão Executiva». O leitor quer mais? O sr. Nobre vos dará mais, nesta frase de efeito muitíssimo divertida que passo a transcrever: «Eu represento aqui, talvez (Nobre não tem a certeza), os vencidos na luta pelo ressurgimento da Casa do Algarve; V. Ex.ª, senhor Dr. Ferreira de Almeida, representa sem dúvida os vencedores; aceite, por isso, os meus parabéns muito sinceros...»

Nota 6 — E' mimoso ou não é mimoso? Ele, Nobre, rebaixa-se para enaltecer o antigo diplomata, esquecido do clarão da primeira Casa que parece agora ser o emblema dos vencidos!! Da vontade de perguntar: Que é feito do clarão, sr. Nobre?! Que é feito da fase brilhante da 1.ª Casa, sr. Nobre?!

Página 10 — O autor (referimo-nos sempre ao sr. Nobre, jornalista do pé da porta, e incensador de bachareis e coisas quejandas) diz que foi seu objectivo fazer a história (!) da Casa do Algarve «tentando acima de tudo ser justo» para os «construtores dessa história». E pronto! Não diz mais nada que deite sumo.

Nota 7 — Construtores da história? Construtores da história são historiadores. Tome cuidado, sr. Nobre! Procure ser justo consigo próprio e... aferrolhe um pouco mais os ditirambos. Você, francamente força um pouco a nota. Olhe que tudo o que é demais não presta.

Página 11 — Não se adianta nada ao que já ficou dito. E' o mesmo dizer e desdizer; a mesma vontade de servir a gregos e a troianos. Isto quanto ao conteúdo. Quanto à forma, o mesmo voar rasteiro e perto da porta.

Estou satisfeito. Espero que o sr. Nobre meta a mão na consciência e silencie mais uma vez. Será melhor para ele. De contrário voltarei à carga, e da análise do folheto passarei à análise da obra do jornalista, cotejando os jornais antigos de Olhão, aqueles que reventaram com uma indigestão de fatuidades etc. etc. e tal.

Toda a gente sabe, incluindo o sr. Dr. Ferreira de Almeida e o sr. major Mateus Moreno (eles não virão aqui desmentir-me) que

a figura máxima que pôs de pé a Casa do Algarve, foi esse rapaz Joaquim Nunes que no folhetosinho é apenas um «prezado consócio». E' verdade que não andou pela Universidade. E' verdade que não possui títulos. Mas também o sr. Nobre não os possui, e nem por isso deixa de ser quem é.

NOTA DA REDACÇÃO

O artigo que acima publicamos, foi-nos enviado pelo nosso antigo e illustre colaborador sr. Eng.º J. Silva Carvalho, sobre a velha questão da «Casa do Algarve», em Lisboa.

Ao dar à estampa este artigo, não pretende o «Notícias do Algarve» favorecer qualquer dos nomes que em tempo já trouxeram esta questão às colunas deste Semanário, pois tanta estima e consideração nos merece o sr. Eng.º Silva Carvalho, como o também nosso colaborador sr. Antero Nobre, por tal motivo as colunas do «Notícias do Algarve», ficam à inteira disposição do sr. Antero Nobre e do sr. Eng.º Silva Carvalho desde que os artigos recebidos sejam de reconhecida utilidade, para a questão posta em causa.

VENDE-SE

Nesta vila, em quintal próprio para construção de moradia na Rua Dr. Sousa Martins, em frente do Cine-Foz. Trata o seu proprietário na mesma rua, n.º 13.

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques. Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis.

Moreira da Silva & F.ª L.ª

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

FOLHAS DE OUTONO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bém, um perfume que me segue, me persegue e me tolda a razão de pensar — é o perfume da saudade. Da saudade que trago e que vive dentro de mim. Da saudade e do desespero de não poder parar o Tempo e afastar para sempre este frio, este vento que varre e açoita a árvore que sou, afinal, exposta a tudo e a todos — e mandar calar também o Outono para que as folhas amarelecidas não caíssem das árvores e não morressem no chão do jardim.

ESTE meu sorriso, é falso; esta minha exuberante alegria de viver, de lutar, de querer, não existe — é falsa também. E por que hei-de voltar para trás se estou já integrado nesta comédia da Vida? Por que chorar e aparentar tristeza se a hipocrisia deste viver balofo me colheu já nas garras sangrentas do dia-a-dia?

Ah, se tu pudesses ver a minha cara real e verdadeira! Mas não; tem-la visto, sim, mas não é ela — é a máscara sarapintada de alegria e de prazer; de ternura e de felicidade. A outra é bem diferente: tem um ricto de frieza; de cinismo e de amargura. Assim, continuando neste viver, é ser-se palhaço, mas não interessa. E' iludirmo-nos a nós próprios e mentir ao mundo que nos mente também.

O essencial, podes crer, é viver; viver e viver, porque viver é lutar — e o mais difícil é continuar a lutar quando a alma na verdade nos sangra e nos tolda o olhar.

MAS não creias, suplicante, que estas «folhas de Outono» são também as tuas folhas. Deixa-me ser egoísta — e deixa-as só para mim, peço-te. Quando um dia te encontrar dar-te-ei então as «folhas» verdadeiras de um romance que não escrevi — e uma lágrima perdida há muito nestes meus olhos cansados de esperar!

E. V.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»



DESPORTO

FUTEBOL

TORNEIO DISTRITAL DE APURAMENTO

para o Campeonato Nacional da III Divisão

Sambrasense, 2 — Lusitano, 0

UM DESLIZE DO GUARDIÃO VISITANTE

ABRIU CAMINHO À VITÓRIA DO SAMBRASENSE

(ao intervalo 1-0)

O Lusitano sofreu a sua primeira derrota neste Torneio, um tanto ou quanto inesperada. Confiávamos que, embora difícil, esta saída a S. Brás, o Lusitano saberia tornar essa dificuldade averbando mais uma vitória.

Tal não sucedeu, mais por falta de sorte do que por mérito do adversário. Embora jogando abaixo das suas possibilidades o grupo de Vila Real foi sempre

superior ao de S. Brás. Mas a excelente tarde do guarda-redes sambrasense e a fraca pontaria dos dianteiros visitantes, ditaram o vencedor, uma vez que a defesa lusitanista não soube fechar eficientemente a baliza à sua guarda. Os dois golos sofridos, foram produtos de outros tantos erros; falhanço espectacular de Salvador, e Viegas mal batido na sequência de um livre.

Faz pena ver perder um joso desta maneira. O Lusitano podia logo na primeira parte ter feito um resultado que lhe desse tranquilidade suficiente para o resto do encontro, mas como já afirmámos, o guarda-redes local, anulava todas as tentativas de golo, com inúmeras defesas, algumas delas magistrais, outras de notória sorte.

Na segunda parte, e com o correr do tempo os avançados do Lusitano, enervados, não atinavam com a baliza, saindo-lhes tudo mal. Em contrapartida o Sambrasense aproveitou as duas oportunidades que teve.

A equipa de S. Brás, pareceu-nos bastante inferior à da época anterior, pelo que fora do seu pequeno campo, difícil se lhe tornará bater qualquer adversário. As reduzidas dimensões do campo, são susceptíveis de criar dificuldades a clubes habituados a jogarem em campos normais.

O Lusitano alinhou da seguinte forma:

Viegas; Salvador, Antunes e Gonçalves; Padesca e Campos; Vitoriano, Francisco, Sosa, Travassos e Parra.

Outros resultados

Louletano, 2 - Silves, 1
Esperança, 2 - D. S. Brás, 2

Classificação

LUSITANO	8	pontos
Louletano	8	»
Silves	6	»
U. Sambrasense	5	»
C. D. S. Brás	2	»
C. F. Esperança	1	»

jogos para hoje

Louletano — Lusitano
D. S. Brás — Silves
Esperança — U. Sambrasense

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

ESCOLA DE CONDUÇÃO

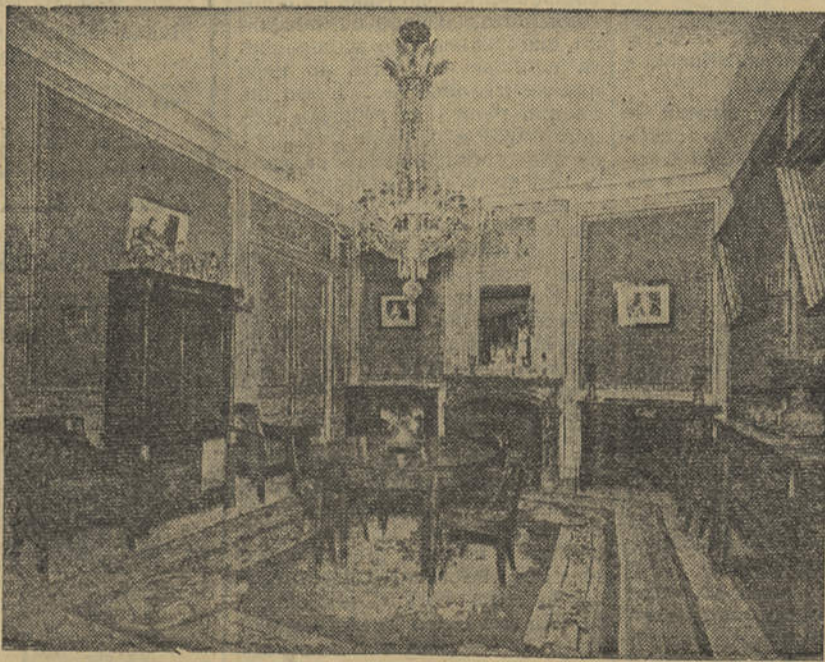
«CASA A. VIEIRA»

Ensino perfeito de LI-GEIROS - PESADOS - MOTOS, com seriedade e rapidez. Profissionais e não profissionais. AMBOS OS SEXOS. Aulas Teóricas e Técnicas permanentes. Automóveis Taunus, Volks Wagen e Austin, Camião Dodge. Motos BMW e Horex. Fazemos CONTRATOS ou à LIÇÃO. Inscreva-se imediatamente e prefira esta Antiga e conceituada CASA A. VIEIRA, sede R. D. Pedro V, 5 — escola R. de Campolide, 185 - Telefones 680061 e 685951 — LISBOA 1

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A

LISBOA

TELEF. 51695

● NOS homens, o ciúme é mais sombrio, mais activo e mais humilhante; nas mulheres, de carácter soberbo e violento, manifesta-se por fúrias; porém, nas mulheres tímidas, sensíveis e delicadas é que o ciúme é um suplício cruel e digno de piedade.
Marmontel.

● NOS arredores de Bombaim, na Índia, foi descoberto numa escavação, um grande cemitério dos Romanos, que deve ter sido construído no primeiro século da era cristã. Encontraram-se 82 túmulos, que encerravam restos de patricios e soldados romanos, joias preciosas, e curiosos instrumentos médicos.

● CADA momento da vida é um passo para a morte.

● — ONDE está o caixa?
— Foi ás corridas de cavalos.
— Às corridas de cavalos durante as horas de trabalho?
— SIM, senhor director. É a sua última esperança de que tudo fique outra vez bem na Caixa.

● QUALQUER pessoa pode morrer por falta de sono em dez dias; por falta de água numa semana, e por falta de alimento em períodos variáveis conforme as circunstâncias.

● UM dos principais obstáculos a vencer pelos aviadores é habituar os pulmões à rarefacção do ar, que se produz nas camadas superiores da atmosfera. Aqueles que, como o Dr. Picard, tem realizado ascensões à estratosfera, precisam de se treinar durante uma temporada, dentro de uma câmara pneumática, onde o seu aparelho respiratório se habitue a suportar temperaturas de 55 graus, ou mais, abaixo de zero, isto é, ainda mais duros do que as que são normais nas regiões polares.

● O andamento normal de qualquer homem ou mulher saudáveis, é, em geral, de setenta e cinco passos por minuto.

● UM homem casado tem sempre o direito de fazer o que não quer.

● A cena passou-se a bordo, quando Charby Pinheiro regressava duma «tournée» ao Brasil. Um dia de verdadeiro temporal. Uma senhora voltou-se, a certa altura, para o grande actor e perguntou sorrindo:
— Se fôssemos ao fundo, a qual de nós dois os peixes comeriam primeiro?
Resposta de Chaby: — Questão de gostos. Os gulosos a V. Ex.ª, os glutões a mim.

● A região do Mar Morto é uma das mais quentes do globo. Calcula-se que o referido mar perde, diariamente, um milhão de toneladas de água por evaporação.

● HÁ, para as mulheres, uma juventude eterna, que se chama graça.

Por bem fazer, mal haver
Não dá verdade o rifão:
Pois nem sempre, pelo bem,
O mal se recebe, não.



NANÁ

A D. BARATA é minha vizinha — daquelas vizinhas muito amiguinhas da coscuvilhice —, e tem uma filha. A filha da D. Barata, é uma menina, mas uma m-e-n-i-n-a como diz a mãe a quem lhe pergunta a categoria da filha. E mais: tem uns sentimentos, uns ares singelos, uma mimica dócil de conversar, uns olhos tão puros e tão púdicos — que nem parece uma rapariga deste tempo!

Pois a Naná (não é a heroína do Zola, mas sim a filha da D. Barata) é uma rapariga assim: baixa, cabelos penteados, andar miúdiño, normalmente como quem vai a pisar vidros, sem curvas traçadas no corpo, nem pernas à «estrela» cinematográfica, nem sorrisos publicitários da pasta medicinal «Couto»; não. A Naná não tem nada disso; tem, sim, corpo igual a tantos outros, uma posta de carne limpa com dois olhos, umas pernas que se passassem por Guimarães... e um sorriso tímido, púdicos, falso, cretino, sem deixar sair os dentes lavados com «Pepsodent».

A mãe Barata e a filha Naná, vivem sós; não porque não tenham amigas, reuniões, conferências, cinemas, teatros; vivem sós naquelas quatro paredes sem receberem amigas nem visitarem amigas. É uma modalidade qualquer de não dar a conhecer quaisquer fragmentos pessoais aos vizinhos. Porque isto de dar-se a conhecer a vida aos vizinhos, vocês sabem lá os mexericos que se levantam no meu bairro! Aquela tem isto, aquilo e aquilo; aquele tem este e aquele; e não paga ao merceiro; aquela tem um vestido novo e a criada passa fome; aquele tem dois filhos, a sogra, a mãe, uma criada, e mais a mulher, e passa as tardes no café; não, a modalidade por que a D. Barata optou é uma das que não há avançadas nem chutos fora da grande área: vive em casa, fecha-se em casa e acorrenta a menina em casa. Mas sabe tudo:

que o vizinho do lado não pagou ao senhorio; que a D. Amélia comprou um «vison» a prestações ou, ainda, que a Mariazinha namora um rapaz de olhos azuis, mãos brancas, pernas altas e que comeia um pouco depois da meia-noite, isto é, quando sai lá do prédio.

Como o Leitor poderá constatar,

esta D. Barata é uma senhora extremamente fina, última mensagem de amor de uma família distinta que, em tempos passados, habitou num castelo com ameias e tudo e mordomos e criadas, situado algures nas redondezas de Benfica. Daí, e dizer o contrário seria falsear a verdade, a grande e especificada educação que a Naná recebeu desde os primeiros passos naquela casa sem sol e impregnada de naftalina. Contudo, a orgânica daquele viver modificou-se. As despesas multiplicavam-se por duas e não havia nada de fora, isto é, não havia saldo para umas bolachas nem para uma xícara de chá, e o problema, enfim, foi resolvido: deitar um anúncio e alugar aquele quarto de casal que desse informações rigorosas, pessoais, bancárias, e fornecesse atestados médicos. A Naná não gostou da chave do problema. «Que sempre tinham vivido as duas», «meterem lá em casa pessoas desconhecidas». Todavia, o problema era mais complicado no que dizia respeito à opinião dos vizinhos. «Ora, dir-lhes-ei que são pessoas ainda ligadas à minha família». E o casal sem apresentar quaisquer informações, nem atestado médico, apresentou-se com uma bagagem irrisória, e assentou arraiáis no quarto da D. Barata.

Foi o fim do mundo lá no meu bairro: «então aquela senhora tem hóspedes?», dizia uma. «O quê, a D. Barata, ah!», exclamava outra. «Não, são pessoas da família», sentenciava aquela outra. E a Naná, envergonhada por a miséria ter descido até ao palco da rua, baixava os olhos, dava voltinhas para não passar por ali, disfarçava quando se lhe deparava uma conhecida, e regressava a casa ainda mais envergonhada. A mãe, fazia a sua vida normal: passava as tardes a espreitar através dos cortinados da janela.

Pois os hóspedes da D. Barata, não pararam lá muito tempo. Motivo? Ora, não podiam entrar em casa da meia-noite; não podiam abrir a luz a qualquer hora; não podiam fazer barulho nem falar mais alto que o normal; não podiam fazer nada porque os vizinhos haviam de pensar que a D. Barata recolhia a casa muito tarde, gastava muita electricidade, fazia barulho e falava muito alto... Sim, porque desde a morte do seu Anacleto ninguém lhe apontava qualquer passo mal dado! E sobretudo por causa da filha (a sua Naná), uma menina como há poucas hoje em dia. Não, aqueles hóspedes não lhe serviam...

... Seguiu-se-lhes um rapaz, estudante de qualquer coisa, enfezado e de olhos tristes a atirar para a melancolia, que passou a acupar o quarto da D. Barata. E o pobre rapaz estudava noite e dia, afundava-se nas ondas alterosas da Química, da Física, da Psicologia Humana — tendo como companheira, uma Naná de olhos sonhadores, cosendo ou bordando, que igualmente o acompanhava às aulas exteriores do liceu que ele frequentava... Disse-lhe fizeram reparo as próprias vizinhas, «Que não, tinha confiança na filha, suficientemente educada e, além disso, uma menina».

Lá no meu bairro, aquilo deu brado. A D. Barata deixou de espreitar através dos cortinados da janela, e passou a não sair de casa. E a novidade caiu como uma bomba de hidrogénio: a Naná pensava em casar. O noivo? O hóspede. O estudante dos olhos tristes.

É verdade, meus caros amigos, a Naná, uma menina totalmente inédita das outras meninas, cujos olhos jamais brilharam para a chama do amor, vai-se casar. E até mim chegou já uma frase, confusa e trémula, proferida por uma boca informativa das novidades da última hora: «Como ela está, não tem outro remédio senão casar...» — imaginem os senhores!

Emílio Valongo

Visado pela Comissão de Censura

AUTOMÓVEL - VOLVO

Estado Impecável, vende particular, informa esta Redacção.

RESPIGOS

Três Mil «Estrelas», um «Realizador», e uma «Fita» sem Projecção...

Contam-nos os jornais que, em Milão, foi preso um burlão que se dedicava a extorquir dinheiro a candidatos de filmes, iludindo-os que os tornaria em «estrelas de primeira grandeza do cinema italiano»...

Este «realizador» de aspecto simpático, de nome Pietro Dionini, tem 49 anos, e havia posto um anúncio no jornal pedindo artistas para uma fita, aos quais solicitava uma fotografia e 4.000 liras para «despesas de inscrição».

As respostas aglomeraram-se na secretária do «realizador» (cerca de três mil) e Dionini convocou-os a todos para diversos hotéis de várias cidades. Lá encontravam os candidatos o incansável homem cinematográfico, em mangas de camisa, cigarro ao canto da boca, gesticulando e gritando para as futuras «estrelas», a manejar uma câmara de filmar de 35 milímetros sem película. Submetia, depois, os candidatos a um teste cem por cento cinematográfico, anunciando a todos, sem qualquer excepção, «que havia finalmente descoberto quem procurava».

Os eleitos, isto é, a nova «descoberta» de dinâmico Dionini, recebiam felicitações, e, para novas despesas, pedia-lhes mais 4.000 liras. A polícia entrou em cena e acabou com a «fita».

NOMES SIMBÓLICOS

(Conclusão da 1.ª página)
celebridade no meio académico era infalível.

Outro célebre do Algarve: o dr. Henrique Gomes, advogado e notário em Loulé, teve a crisma de «O Pai das Cólidas». Excelente rapaz e amigo. Vésperas de exames, andava o Henrique de república para república, com as fatais cólicas intestinais. Outros sofriam do mesmo mal, mas sofriam em silêncio...

O dr. Manuel Pedro Guerreiro, advogado e conservador do Registo Civil, trouxe igualmente de Coimbra um nome simbólico — «O Decilitro».

Boémio, alegre e falador, decilitrava com frequência e palavra imenso.

Morreu novo, como aconteceu a outros cultores da pinga, nomeadamente Augusto Hilário e Augusto Gil.

Outros nomes simbólicos conhecido que deram fartas gargalhadas aos académicos, frutricas e tricanas.

TINTA

TODAS AS CORES

LATAS SELADAS DE 1 E 5 Kgs.

«PARA MADEIRAS, PAREDES, FERRO, BARCOS E MÁQUINAS AGRÍCOLAS»

Para Interior 15\$00 o Kg.

Para exterior 20\$00 o Kg.

O vermelho especial custa mais 2\$50 por Kg.

Manda-se à cobrança de 4 Kg. para cima

Depósito: Trav. COTOVELO, 87-1.º

LISBOA

BEBA BRANDE

A QUALQUER HORA.

MAS BEBA BOM.



— BEBA —

KOPKE !..

— 1638 —

INTERESSES DO CONCELHO DE ALCOUTIM

(Conclusão da 1.ª página)

Já aqui disse neste jornal que não era de mais que cada freguesia de concelho tivesse o seu médico. Não lhe faltaria que fazer se a Câmara e a população pudessem retribuir os seus serviços.

Mas, pelo menos, em Alcoutim e Martinlongo com áreas bem distintas e largas.

A Casa do Povo de Martinlongo criou um partido médico para o qual subcreve determinada importância. A Câmara nem em seu auxilio subscrevendo outra quantia embora menor; a área clínica é vasta com as freguesias de Martinlongo, Giões, Vaqueiros e a confinante Beira-Vascão alentejana.

Pois os médicos sucedem-se e nenhum se estabiliza.

Há aqui qualquer coisa mal colocada ou mal compreendida que é preciso remediar. Falta de ambiente

que o leva a não aclimatar-se?

É preciso que a população veja no seu clinico uma entidade que lhe é absolutamente indispensável e o trate com carinho afabilidade e respeito. Não veja nele a galinha de ovos de ouro que é necessário explorar.

— «Estes ovos são mais caros porque são para a senhora professora» dizia uma menina de escola que não é de lá.

Mas é também necessário que se não dê a inversa.

Entretanto urge encontrar o assunto com boa vontade e resolvê-lo com urgência porque ele é dos mais necessários ao desenvolvimento do concelho e, sobretudo, daquela região.

FOLHAS DE OUTONO

ESTAS folhas amareladas que minhas pálpbras cansadas têm lido noite e dia, não são escritas proposadamente para ti. Pensaste que fossem, mas, acredita, não são.

O teu amor é demasiado profundo e ai reside, talvez, o facto de as leres pensando em mim, em ti e neste amor ardente que durante uma vida inteira me dedicaste. Seria falsear-te se te iludisse que estes pedaços de minha alma que o vento arrasta para o Outono longínquo da saudade, envolvessem também o teu nome. Não. Estas folhas de um Outono que me trazem triste e amargurado, que oprimem meu coração e que fazem sangrar minha alma, são as minhas próprias folhas de saudade, e do desespero a que me abandonei quando senti o frio álgido e torturante do que foi e do que é a minha solidão...

HÁ vários nomes inscritos nestas folhas; há alguns sorrisos e algumas lágrimas de ilusões perdidas e amores esquecidos; há, tam-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

ARRENDAR-SE

Nesta Vila, Casa de Pasto «O Escondidinho» na Rua Dr. Sousa Martins, frente ao Cine-Foz.

Accepta propostas o seu proprietário até ao dia 15 de Dezembro próximo, reservando-se o direito de não aceitar caso as mesmas não interessarem, na mesma Rua n.º 18.

Marcos Algarve

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

RÁDIOS E TELEVISORES

NORDMEND

MODELOS - 1959

Produzidos pela maior Fábrica de Rádios e Televisores da Alemanha O máximo de Técnica, Formato e Som. Antes de comprar um destes aparelhos consulte o Agente nesta localidade

M. Salvador Vaz Palma

Av. da República, 65 - Telef. 76

Vila Real de Santo António

AS CRISES FANTÁSTICAS

(Conclusão da 1.ª página)

Ainda que por mercê do Estado-Providência se prantem no teatro lugares por macuta e meia, nem o povo correrá a espectáculos, interessantes aos pais e aos avós desta geração, que os têm como sensaborias dialogadas ou contadas.

3 A batida crise em que se não acredita, tão inverosímil se afigura, vem a ser a do livro — balela pegada em que ninguém pega. Se não se vendem livros de língua portuguesa, que se ocupam de prosopopeias didácticas ou históricas, isso provem do materialismo seco da época.

A História, a Literatura séria, a Filosofia e as Ciências correm por fora do programa das escolas. Estalfando-se a rapaziada a estudar proposições arcaicas, para que repetr o aborrecimento além da portada dos liceus?

A versalhada de agora força os velhos a caírem de cócoras ante a salgalhada da estética sonora; e as donzelas buscam a romance amoroso e patarata, a novela cinematográfica e a tragédia policial que regala a alma sonhadora. E dois obstáculos contrariam o livro português: o livreiro cobra por cada livro que vende 30 por cento; e as duas bibliotecas públicas de Lisboa o põem à leitura logo que o recebem.

Não vem da falta de dinheiro a crise do livro, mas da negação do culto da beleza de outrora. As pouquíssimas pessoas admiradoras de livro português pecam por tão invisíveis, que não obstam a que se escrevam obras sem procura.

4 BERRA-SE contra a crise de inteligência, de sabedoria e de política. Não persistindo esses predicados, supõe-se que não esfervilhem intelectuais, sábios e políticos, o que está longe da verdade, pois todos eles anseiam em devassar a Lua, no fito de a Humanidade se tornar mais lúcida e menos encarapinhada.

A abundância de cientistas, de políticos e de inteligentes lunáticos procede de o Mundo ser governado por moços, que entram na vida a exigir a mama das consolações interiores, nesta quadra de inumeráveis vitaminas. Não se conheciam antigamente facções partidárias, tão-pouco a esquerda e a direita, que afinal esticam o centro do bando a ponto de o levar de roldão à barafunda política e económica.

Os monarcas escolhiam para a governança vassallos maduros, síduos e aversos aos europeus da jactância; e hoje agarram-se os adolescentes, não se curando se conspurcam as fraldas da ponderação e da sabedoria.

De sorte que percebe-se, sem a categoria de profeta, que este míserimo Planeta, dirigido por políticos, há-de dar tamanho estouro como deu a Carriça abarrotada de importância.

Será a derradeira Crise do Nada.

João Estevam

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE

EM TODO O ALGARVE